

UMA CRIAÇÃO LINGÜÍSTICA DE FILINTO ELÍSIO

Evanildo BECHARA *

RESUMO: Demonstra que, longe de ignorância ou descuido, Filinto Elísio soube ampliar as possibilidades de flexão verbal em língua literária.

UNITERMOS: Filologia; gramática; norma; licença poética; sistema.

Ao Prof. Dr. Isaac Salum
que sabe dosar, num conjunto harmonioso,
os dotes de amigo e mestre, filólogo e lingüista,
homem e santo.

“Em sua atividade lingüística, o indivíduo conhece ou desconhece a norma e tem maior ou menor consciência do sistema. Quando não conhece a norma, guia-se pelo sistema, podendo ou não estar de acordo com a norma (criação analógica); conhecendo-a, pode repeti-la dentro dos limites mais ou menos modestos da expressividade, ou repeli-la deliberadamente, e ir mais além dela, aproveitando as possibilidades que o sistema põe ao seu alcance.” (Eugenio Coseriu, 2)

O século XVIII oferece ao historiador da língua portuguesa numerosos exemplos de criações lingüísticas que procuraram enriquecer o idioma, depois do largo período em que esteve sob a influência direta do espanhol, durante o domínio dos Filipes.

Filinto Elísio pertenceu a esse número de literatos que intentou tais inovações. Entre essas rupturas deliberadas com finalidades expressivas, avultam duas sobre as quais os filólogos e gramáticos que as

surprenderam não se manifestaram favoravelmente, atribuindo-as à ignorância do idioma.

São injustas essas críticas imputadas a um homem que conhecia profundamente a língua materna, ao lado de, entre outras, o latim e o francês.

Estas duas inovações a que nos referimos são: a) formas reduzidas de pretéritos perfeitos de verbos irregulares derivados e b) *cujo* com valor de *o qual*.

Neste breve artigo, cingindo-nos ao primeiro tema, tentaremos mostrar que, longe de ignorância ou descuido, Filinto Elísio pretendeu ampliar as possibilidades de flexão verbal em língua literária.

Na *Ode à minha morte* usou o autor de *entreteteram* por *entretiveram*:

“Quero, entre mil saúdes,
De vermelha, faustíssima alegria
Ir passando em resenha,
Taça após taça, a lista dos amigos,
E o coro das formosas
Que a vida me *entreteteram* com agrado.” (*Obras*, I, 119-120)

* Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Educação. Membro da Academia Brasileira de Filologia.

Os editores — por exemplo José Pereira Tavares — quando se dignam comentar a passagem ou semelhante, acrescentam apenas: “*entreteram: entretiveram*”. (3) Os estudiosos de língua assinalam o fato como engano de conjugação e em geral procedem tal qual a lição do mestre cearense Martinz de Aguiar, que dedicou às notas de Filinto Elísio à sua tradução das *Fábulas* de Lafontaine importante livro, embora não trate da questão objeto do presente artigo:

“Os derivados prefixais de *ter* conjugam-se, é natural, como o primitivo. Mas o povo tende a regularizá-los e não é raro ouvi-los regularmente conjugados na fala dos eruditos, que, quando dão fê do erro, os repetem com a correção devida. Com outros derivados, como os de *estar* e *vir*, se verifica a mesma coisa.” (1, p. 430)

E, depois de citar exemplos de autores outros, conclui:

“São escritores ilustres, esses e outros, que momentaneamente se esquecem de que manejam verbos irregulares.” (1, p. 431)

A lição de Aguiar toca num fenômeno certo da tendência de regularização de verbos irregulares, quer entre o povo, quer entre gente escolarizada e escritores cultos; mas há outra razão de ordem superior que pode entrar na explicação do fato. É o caso de Filinto Elísio que tem tais verbos irregulares rigorosamente conjugados em consonância com os preceitos da gramática, em numerosas páginas de sua obra, o que nos afasta a explicação cômica por erro ou ignorância.

Como Filinto em geral tinha o cuidado de avisar ao leitor, em notas de rodapé, em que consistia a inovação lingüística inserida nas suas composições, temos hoje elemento para dar outra versão ao pretenso cochilo do autor.

Dentre as inúmeras oportunidades em que Filinto justifica as notas elucidativas, selecionamos a seguinte que dá bem ao leitor destas linhas a intenção que as movia:

“Digam que amontão notas sobre notas. Eu digo que têm razão, e também digo que eu a tenho: porquanto se todos os meus leitores fossem como Antônio Diniz e N. e N., e alguns outros que não nomeio, escusada era uma só nota. Mas ai! do Poeta desgraçado que cai em mãos de pedantes ou rançosos, se não leva a espada desembainhada contra insossos reparos. Outra razão tenho. Pessoas há curiosas de ler, que não tendo obrigação de saber de cor a fábula, nem a história e mil outros requisitos, folgem muito de acharem junto à dificuldade a nota comezinha, que lha esclarece. Para essas, e não para outras tomo o trabalho enfadosíssimo de comentar versos, que me custaram menos a compor que a explicar em notas.” (*Obras*, 1, 202)

Na *Ode à feliz aclamação do nosso Monarca D. João VI* escreveu:

“Cos Sousas, cos Vieiras, Bobadelas
Discerne tens talentos e virtudes
Quão ditosos se *obteram*
De viver sob teu cetro!”

(*Obras*, III, 431),
e em nota ao *obteram* aduziu:

“Por *obtiveram*. Mil exemplos citaria (a ser preciso) de clássicos latinos e lusos que abonam esta licença poética.”

Ainda no volume XI das *Obras*, em tradução da *Farsália*, de Lucano, depois de usar um *suster*, explica: “Por *sustiver*.” (p. 66)

Estas notas nos põem de sobreaviso para dois tipos de conclusão: a forma do tipo *suster* não nasce de desconhecimento gramatical do autor que, em rodapé, contrapõe a forma correta: *suster* por *sustiver*. Por outro lado, tais formas destoantes antes nascem de uma intenção de abreviar o verso, a exemplo de muitas abreviações comuns nos “clássicos latinos e lusos.”

Antes de prosseguir nossas considerações, cabe-nos lembrar que tais formas abreviadas em Filinto reduzem-se à oposição: com a sílaba *-ve-* (forma plena: *obtiveram, sustiver, entretiveram*) / sem a sílaba *-ve-* (forma sincopada: *obteram, suster, entreteram*).

Não colhemos até agora em Filinto formas regularizadas de verbos irregulares como as que Martinz de Aguiar cita no trecho já aludido de suas *Notas: mantia* (por *mantinha*, em Garrett), *convir* (por *convier*, em Eça), *abstei* (por *abstendo*, em Cândido de Figueiredo), fato que confirma nossa hipótese de que, em Filinto, se trata de uma forma verbal a que se lhe retira a sílaba *-ve-*.

Os conhecimentos gramaticais do nosso autor limitavam-se às informações de um culto da época, de modo que hoje não podemos exigir de Filinto a técnica da comutação usada na descrição da linguística moderna, de tal modo que lhe ficasse patente que a sílaba retirada estaria longe de representar um e mesmo morfema, no caso dos clássicos latinos e no dos lusos. Mas com o poeta português os fatos não se passavam da mesma maneira; ele não era um técnico e via aí uma mesma faculdade do latim e do português, faculdade de que ele podia lançar mão para atender a exigências métricas.

Filinto conhecia, de suas leituras clássicas, as formas sincopadas do perfeito latino em *-vi*, de tanta fortuna na con-

jugação latina e nas línguas românicas: *deleverunt/delerunt, deleveram/deleram; audivisti / audisti, audivissem / audissem; amavisti / amasti, amavissem / amassem*, ao lado de muitas outras formações análogas.

O excelente repositório de Neuwagener (III, p. 478 e ss. e 433 e ss.) nos aponta numerosos exemplos de tais formas verbais sincopadas, e não é menos elucidativo para o nosso caso o fato de apontarem tais autores a lição do gramático Prisciano que se serve exatamente de Horácio para documentar em clássico tal fenômeno da flexão verbal latina. (5) Horácio foi sem dúvida um dos autores em que as formas reduzidas encontraram melhor agasalho. Tal preferência do mestre romano não poderia passar despercebida aos olhos atentos do discípulo luso que, tentando transplantar para o português a mesma possibilidade de formas sincopadas, criou sinonímias morfológicas que não tiveram tanto êxito no idioma como várias de suas inovações lexicais.

Em contrapartida, o português apresenta formas variantes como *hавemos / hemos, haveis / heis*, que Filinto, documentando e anotando nas suas composições, naturalmente aproximava do fenômeno latino. Assim é que em *Obras*, VIII, 28, a respeito da expressão “hemos subido” explicita: “*Hemos, hавemos, ou temos* são sinônimos.”

Ainda aqui se patenteia a síncope da sílaba *-ve-*, síncope que o escritor lusitano identificou à ocorrida com as formas verbais latinas acima aludidas, devidas a fatos fonéticos de variantes posicionais (como o *-v-* intervocálico) ou a fatos análogos, mas, de qualquer maneira, tão queridas do seu mestre Horácio, que Filinto Elísio gostaria de vê-las revividas no idioma que tanto amou e procurou enriquecer.

* Note-se que W. HORN (4) explicava o desaparecimento de *-vi*, *-ve*, por passar a ser uma forma funcional destituída de significação gramatical.

BECHARA, E. Uma criação lingüística de Filinto Elísio. *Alfa*, São Paulo, 25:15-18, 1981.

BECHARA, E. — A linguistic creation of Filinto Elísio. *Alfa*, São Paulo, 25:15-18, 1981.

ABSTRACT: It is argued that the XVIII century Portuguese writer Filinto Elísio far from showing ignorance of the subject, or carelessness, has proficiently amplified the available possibilities in the use of verbal flections in the literary language.

KEY-WORDS: Philology; grammar; linguistic norm; poetic licence; system.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, Martins de. *Notas de português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Simões, 1955.
2. COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 2.ed. Madrid, Gredos, 1967.
3. ELÍSIO, Filinto. *Poesias*. Seleção, prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares. Lisboa, Sá da Costa, 1941.
4. HORN, W. *Sprachkörper und Sprachfunktion*. Berlin, 1921.
5. NEUE-WAGENER, F. *Fornrenlehre der lateinischen Sprache*. 3 Aufl. Berlin, Verlag von S. Calvary, 1892-1905.